



O Discurso Inaugural de Trump e a Psicologia Política do Poder Marítimo

Bruno Sowden-Carvalho

Doutorando na Universidade de Birmingham.

Um dos aspectos mais marcantes do *discurso inaugural* de Donald Trump em 2025 foi sua promessa de renomear o Golfo do México como “Golfo da América” e de voltar a chamar o *Monte Denali* de Monte McKinley. Trump associou o legado econômico do presidente William McKinley (que governou de 1897 a 1901) ao desenvolvimento do Canal do Panamá por Theodore Roosevelt (que ele também sugeriu querer “retomar”).

O que essa conexão entre o Golfo do México, McKinley e o Panamá revela sobre o governo Trump 2.0 e a geopolítica do século XXI? A resposta está no impulso psicológico humano de sentir um senso estável de identidade, ou segurança ontológica, e no apelo emocional do poder marítimo durante a expansão dos Estados Unidos no final do século XIX.

Segurança ontológica e as alucinações do “Eu”

O termo “ontológico”, do grego *ontos* (ser), refere-se ao discurso e à prática de “ser você”. Uma pessoa está *ontologicamente segura* quando se sente psicologicamente completas a partir de um *senso de identidade* que a separa dos outros e do ambiente ao seu redor. Alimentamos esse sentimento por meio das histórias que contamos sobre nós mesmos, nossas rotinas e as narrativas que nos ancoram socialmente.

Psicólogos cognitivos têm sugerido cada vez mais que esse senso de estabilidade é uma “*alucinação controlada*”. O cérebro humano constrói a realidade ao gerar previsões e mascarar mudanças para manter a coerência. Por motivos de *alostase* — a regulação da mudança para garantir a sobrevivência do corpo — o cérebro *evoluiu* para ser *cego às mudanças*. Na maioria do tempo, não percebemos alterações físicas ou ambientais significativas. Isso cria uma ilusão de continuidade e integridade que, de todo modo, é prática e real. O Eu unitário, portanto, é uma *construção emocional contínua*.

Assim como os indivíduos sentem que seu Eu está no controle, os atores internacionais também buscam esse controle. Não porque esses atores “tenham” emoções, mas porque as emoções moldam *como os indivíduos percebem o Estado, o que, por sua vez, define quem eles são*.

Por exemplo, quando os EUA *nomeiam um porta-aviões* com o nome de um ex-presidente, isso infunde a máquina com uma carga emocional. Isso reforça a “alucinação controlada” de que a América e os americanos são unidos e formam um todo. Tais símbolos definem o que a América é e o que ela não é — traçando fronteiras emocionais entre o Eu e o Outro.

Problemas políticos surgem quando esse Eu construído é desafiado — como aconteceu com pandemias, protestos de base e mudanças nas dinâmicas globais — gerando ansiedade, desconfiança e medo. Assim, sob a perspectiva da segurança ontológica, a política é também uma disputa para determinar quais emoções importam. Embora os atores internacionais nunca estejam totalmente seguros ontologicamente, eles lutam para construir um Eu coerente por meio de *símbolos, narrativas e rituais*.

Uma receita para a dominação marítima

Examinar o discurso inaugural de Trump sob essa perspectiva é revelador — não apenas porque Trump escapou por pouco do destino de McKinley, *que foi assassinado em 1901*. Contudo, a conexão mais profunda entre o governo McKinley, o Golfo do México e o Canal do Panamá está no conceito de poder marítimo para o Eu americano.

O best-seller *The Influence of Sea Power upon History* (1890), de Alfred Thayer Mahan (1860–1914), articulou esse conceito ao identificar seus elementos geográficos, sociais e políticos. Mahan argumentava que o poder marítimo determinava a prosperidade das nações: quem dominasse seus elementos com marinhas poderosas controlaria os mares. Convenientemente, ele usou o Reino Unido — principal potência marítima da época — como evidência de sua hipótese.

A missão de Mahan era galvanizar a opinião pública e os formuladores de políticas para expandir a Marinha dos EUA durante o incerto final do século XIX, quando potências emergentes como Alemanha, Itália e Japão, além da competição colonial, inflavam a ansiedade. Embora já houvesse motivações para a expansão naval, Mahan as

cristalizou em uma narrativa persuasiva que *forneceu a estrutura necessária à segurança ontológica que os EUA buscavam.*

Em um artigo de 1897, o argumento do poder marítimo de Mahan destacou a importância estratégica do Golfo do México. Ele comparou o Caribe ao Mediterrâneo, identificando pontos de estrangulamento como o Canal de Yucatán e o Estreito da Flórida como cruciais para o controle do comércio e dos movimentos militares. Também enfatizou a posição geográfica de Cuba como chave para dominar a região. Ligando isso ao crescente interesse por um canal ístmico (posteriormente o Canal do Panamá), Mahan argumentava que tal canal garantiria a dominação marítima dos EUA e “*adiantaria a civilização por milhares de milhas*”.

O apelo emocional do poder marítimo

Um dos primeiros beneficiários das ideias de Mahan foi *o presidente McKinley*. Ainda mais receptivo foi seu secretário-assistente da Marinha, *Theodore Roosevelt*. Em 1898, durante a presidência de McKinley, os EUA entraram em guerra *contra a Espanha* sob o pretexto de libertar Cuba. No final, no entanto, acabaram anexando territórios como Filipinas, Porto Rico e Havaí.

Embora o “*jornalismo amarelo*” possa ter amplificado o apelo emocional da guerra, tais vitórias reforçaram a narrativa de Mahan. Isso *consolidou* os fundamentos emocionais do Eu americano e alimentou *o apetite do país por poder marítimo*.

Quando, em 1904, o presidente Roosevelt supervisionou *a construção do Canal do Panamá* para unir as frotas do Atlântico e do Pacífico, Mahan já era uma figura internacional, e o poder marítimo já estava inscrito no Eu americano. Ao longo do século XX, essa tendência continuou, e o poder marítimo tornou-se um elemento emocional central, infundindo o Eu americano com uma “*alucinação controlada*” de estabilidade, continuidade e determinismo. Isso ajudou os EUA a se tornarem uma *superpotência* cujas *capacidades navais* moldaram *as regras do sistema internacional*.

O “hackeamento” do Eu americano por Trump

Quer intencionalmente ou não, ao traçar uma conexão incomum entre o Golfo do México, McKinley e o Panamá, Trump toca em um nervo que confere um tom emocional importante aos seus *objetivos geopolíticos*. Seus discursos muitas vezes provocativos ocorrem em canais de comunicação propensos a estimular emoções — seja no X ou, cada vez mais, *em podcasts*.

Usando a terminologia do neurocientista Andy Clark, o governo Trump 2.0 pode estar “hackeando” o “Eu americano”. Ele evoca narrativas históricas e experiências passadas que criam imagens mentais alternativas dos EUA, e busca um senso de segurança ontológica emocionalmente nutrida por seus próprios apoiadores. *Se suas ideias se enraizarem* mais amplamente, podem representar um risco grave para a estabilidade geopolítica global.